

ESPORTES

FÓRMULA 1 Sem piloto na categoria desde 2017, Brasil vive expectativa de ter representante na elite, mas dificuldades persistem

O legado precisa continuar

ARTHUR RIBEIRO*

Ed Alves/CB/D.A. Press

O Grande Prêmio do Brasil de 2024 passou, mas uma saudade especial permanece forte entre os torcedores: voltar a ter um brasileiro na Fórmula 1. Desde 2017, quando Felipe Massa deixou a Williams, o país não sabe o que é ter um representante na principal categoria do automobilismo mundial, encerrando uma sequência de 48 anos com ao menos um piloto carregando a bandeira verde-amarela no grid. O jejum, no entanto, parece cada vez mais perto de chegar ao fim e rende motivos para acreditar que, em breve, o Hino Nacional tocará novamente no topo do pódio.

As principais esperanças estão em Gabriel Bortoleto. O jovem de 20 anos foi campeão da Fórmula 3 no ano passado e lidera a Fórmula 2 na atual temporada, restando apenas duas etapas para o fim do campeonato. O desempenho do garoto, que faz parte do programa de desenvolvimento da McLaren, fez aumentar os rumores de um acordo para assumir um lugar na Sauber em 2025, mas um possível vínculo ainda está em negociação.

No entanto, nem mesmo o título da F2 é significado de lugar garantido na Fórmula 1. Exemplo disso é Felipe Drugovich, campeão da categoria em 2022, mas que segue apenas como reserva na Aston Martin e viu o nome perder força nos bastidores por uma vaga de titular. Ele, inclusive, ficou na expectativa de poder correr no lugar de Fernando Alonso em Interlagos, mas o espanhol se recuperou a tempo de um problema gastrointestinal e pôde participar da prova.

"Acho que falta oportunidade mesmo. Eu e o Gabriel fizemos tudo o que precisava ser feito para mostrar que a gente merece estar lá, está faltando só uma chance. A ansiedade só cresce a cada ano que passa, e não temos um brasileiro na F1, não só minha, mas de todo o Brasil. Eu quero estar no grid da F1 não só como reserva, mas como piloto principal pelo ano inteiro. Não



Gabriel Bortoleto (e) e Felipe Drugovich (d) são os principais nomes para recuperar a tradição do Brasil em ter um piloto titular na Fórmula 1

tem muito o que falar, é mais agir e continuar fazendo o que sabemos fazer de melhor, que é andar bem na pista", contou Drugovich ao **Correio**.

Quem conhece bem a falta de oportunidades é Pietro Fittipaldi. Mesmo aos 28 anos, o neto do bicampeão Emerson Fittipaldi assumiu o papel de "veterano" da geração de pilotos brasileiros e foi o último a correr pela F1, quando substituiu Romain Grosjean, da Haas, em duas etapas de 2020. Ainda assim, em anos como reserva, nunca foi convocado para um posto integral e atualmente

se divide como terceiro piloto do time americano e na Indy.

"A Fórmula 1 é muito difícil, porque só tem 20 vagas e não é todo ano que muda piloto, a gente já viu temporadas que não entrou nenhum novato. Então você está lutando por quem sabe uma ou duas vagas no ano, e olhe lá. Tem milhares de pilotos no mundo querendo estar ali, então você é diferente de qualquer outro esporte", explicou.

Enzo Fittipaldi, irmão caçula de Pietro e piloto da F2, reforçou o coro, mas fez questão de

ressaltar que o problema não é pela qualidade dos postulantes à vaga. "O talento com certeza não falta aqui no Brasil. Tem vários pilotos brasileiros nas categorias júnior que estão ganhando e mostrando o quão bons são. Tem que ter um brasileiro no grid da F1 e vamos ter isso em breve, pode ter certeza", acrescentou.

Dificuldades

Para um país que teve 32 pilotos e ostenta oito títulos na Fórmula 1, não ter mais um representante mostra que os problemas

são maiores do que apenas a falta de oportunidade. O **Correio** procurou escutar outros nomes importantes no cenário do automobilismo nacional para entender o que mais dificulta os brasileiros a marcarem presença entre os melhores do mundo.

"O kart é muito importante, começa por lá. O incentivo está aumentando e vamos colher esses frutos no futuro, mas por muito tempo faltou essa parte. É na base que precisamos trabalhar, porque lá que nascem os novos talentos", analisou o bicampeão Emerson Fittipaldi. "O lado financeiro foi

"Eu e o Gabriel fizemos tudo o que precisava para mostrar que merecemos estar lá, falta só uma chance. A ansiedade só cresce a cada ano que passa, e a gente não tem um brasileiro na F1"

Felipe Drugovich, reserva da Aston Martin

uma grande dificuldade na minha época. Hoje está melhor, apesar de ser mais caro, mas é um fator que sempre pode dificultar", somou Felipe Massa.

Anunciada na última quarta-feira como piloto da F1 Academy, categoria de desenvolvimento exclusiva para mulheres, Rafaela Ferreira deu o ponto de vista de como é para a geração atual, que precisa desbravar o mundo cada vez mais cedo.

"É um conjunto de fatores que influencia para um piloto poder estar disputando na ponta em grandes categorias. Para nós, brasileiros, logo de cara tem a dificuldade de ter que ir para fora, porque muitas competições são na Europa e nos Estados Unidos. Até por isso a parte financeira pesa muito. Correr já é caro, mas em euro e dólar dificulta ainda mais", compartilhou a primeira mulher a vencer uma corrida na F4 Brasil.

Apesar dos empecilhos, o clima geral é de otimismo. Quem sabe, em 2025, o GP de Interlagos já não tenha uma bandeira brasileira entre os pilotos. "Eu sei que o cenário não é o que o Brasil queria, mas isso vai mudar. Desejo muita sorte a todos os pilotos, tenho certeza de que o futuro será incrível. Vou ajudar como puder, e vamos recolocar nosso país onde nunca deveria ter saído", encerrou Bortoleto.

Oscar del Pozo/AFP



Carlo Ancelotti chega ao escritório: pressão sobre o trabalho do italiano

CHAMPIONS

Ancelotti vive "remember" com o Milan, onde foi forjado

GABRIEL BOTELHO*

Uma forte pitada de "remember" será responsável por temperar o embate entre Real Madrid e Milan, hoje, às 16h, pela quarta rodada da primeira fase da Liga dos Campeões da Europa, com transmissão de TNT Sports e MAX. Esse ingrediente a mais, todavia, estará presente fora das quatro linhas, junto ao treinador Carlo Ancelotti. O técnico italiano de 65

anos escreveu capítulos nos livros dos dois maiores campeões da história do prestigiado torneio. O esquadro espanhol tem 15 taças. O italiano, sete.

Em Madri, Ancelotti se consagrou. Em Milão, atingiu o patamar, tocou o céu pela primeira vez. No time italiano, venceu duas taças da orelhuda. A passagem pelo San Siro é ainda a mais duradoura da carreira. Foram oito temporadas.

Foi no time Merengue, entre-

tanto, onde ele se lançou de vez ao estrelato. Em 2013, na temporada de estreia, foi campeão europeu pela terceira vez na carreira. Em 2021, voltou ao time branco depois de seis anos. Na segunda experiência, venceu mais duas edições de Liga dos Campeões da Europa.

Dentro de campo, espanhóis e italianos tentam se reequilibrar. O Real Madrid vem de derrota por 4 x 0 sobre o Barcelona, pelo Campeonato Espanhol. Na com-

petição europeia, venceu dois jogos e perdeu um. O Milan está em situação mais delicada. Precisa vencer para não se complicar. Dos três jogos que fez, venceu um, mas perdeu os outros dois.

Para inglês ver

Dois dos principais clubes da Inglaterra também terão missões complicadas. O Manchester City viaja a Lisboa para enfrentar o Sporting, do artilheiro

sueco Gyokeres. O homem-gol ostenta marca de 20 gols em 16 partidas. A trupe de Pep Guardiola chega em baixa. Perdeu os últimos dois jogos.

O Liverpool recebe o Leverkusen. Cortejado pelo clube de Anfield durante todo o último verão europeu para substituir o benquisto Jurgen Klopp, o técnico do time alemão Xabi Alonso volta à Terra dos Beatles. Ainda como jogador, atuou pelo time inglês entre 2004 e 2009.

BASQUETE

Brasília tenta quinta vitória consecutiva

O Brasília Basquete está embalado. Hoje, às 20h, no Ginásio Nilson Nelson, o time candango tentará a quinta vitória consecutiva na temporada diante do Basquete Cearense. Os ingressos podem ser adquiridos no aplicativo da equipe por R\$ 20 a meia solidária mediante 1kg de alimento não perecível. O YouTube do NBB transmite.

Sétimo colocado, o representante do DF na elite surfa na boa forma. Se vencer hoje, o time igualará o número de triunfos da campanha inteira do ano passado. Em 2023/2024, o Brasília foi o lanterna e venceu somente Pinheiros (duas vezes), Patos,

Beto Miller/@beto.miller



O Brasília Basquete vem de vitória contra o Corinthians em São Paulo

Mogi e o Basquete Cearense. Nesta edição, o time acumula quatro êxitos consecutivos. O último deles contra o Corinthians. A vitória por 105 x 99,

aliás, contou com brilho do estreante Anderson Rodrigues. O pivô anotou 22 pontos e ainda pegou seis rebotes.

"Conheço a filosofia do Dedé

Barbosa (técnico). O grupo também me recebeu muito bem. A energia está muito boa, e vamos dar muito trabalho no campeonato", diz o pivô.

Os passos dados pela equipe estipulam ainda a quebra de um tabu no NBB. É a primeira vez que o Brasília Basquete vence quatro vitórias seguidas em sete anos. Segundo levantamento do **Correio**, a última vez havia sido na temporada 2016/17. A performance é fundamental para findar os cinco anos de ausência nos playoffs da competição.

O Fortaleza poderá ser uma vítima de fácil acesso. Ao menos se forem levadas em consideração as posições das duas equipes. O time cearense é o antepenúltimo. Ganhou apenas um dos seis jogos disputados na temporada. A única vitória veio contra o Caxias do Sul (GB*).

*Estagiários sob a supervisão de Marcos Paulo Lima

VÔLEI

Atual campeão, Minas derrota o Brasília Vôlei

O Brasília Vôlei perdeu pela terceira vez na Superliga Feminina. Na noite dessa segunda-feira, as únicas representantes do Distrito Federal na elite nacional perderam para o atual campeão Minas por 3 sets a 0 no Ginásio do Sesi, em Taguatinga Norte. As parciais foram de 25/23, 25/19 e 25/23. O resultado foi o mesmo do Campeonato Mineiro, quando o Brasília enfrentou as adversárias pela segunda rodada do Estadual. O time do DF participa do torneio como convidado.

É a terceira derrota do Brasília Vôlei em três jogos. A equipe do DF voltará à quadra na sexta

Rogério Guerreiro/Minas Brasília



O bloqueio do Minas foi um dos obstáculos do Brasília ontem

diante do Mackenzie.

A equipe do DF jogou de igual para igual em todos os sets. No primeiro, a partida ficou empatada em 15 x 15 antes de o Minas encerrar com 25/23. O segundo foi dominado pelas visitantes por 25/19. O Brasília Vôlei reequilibrou no terceiro, igualou o marcador em 11 x 11, ficou um ponto atrás com 15 x 14 e vendeu caro o set por 25/23.